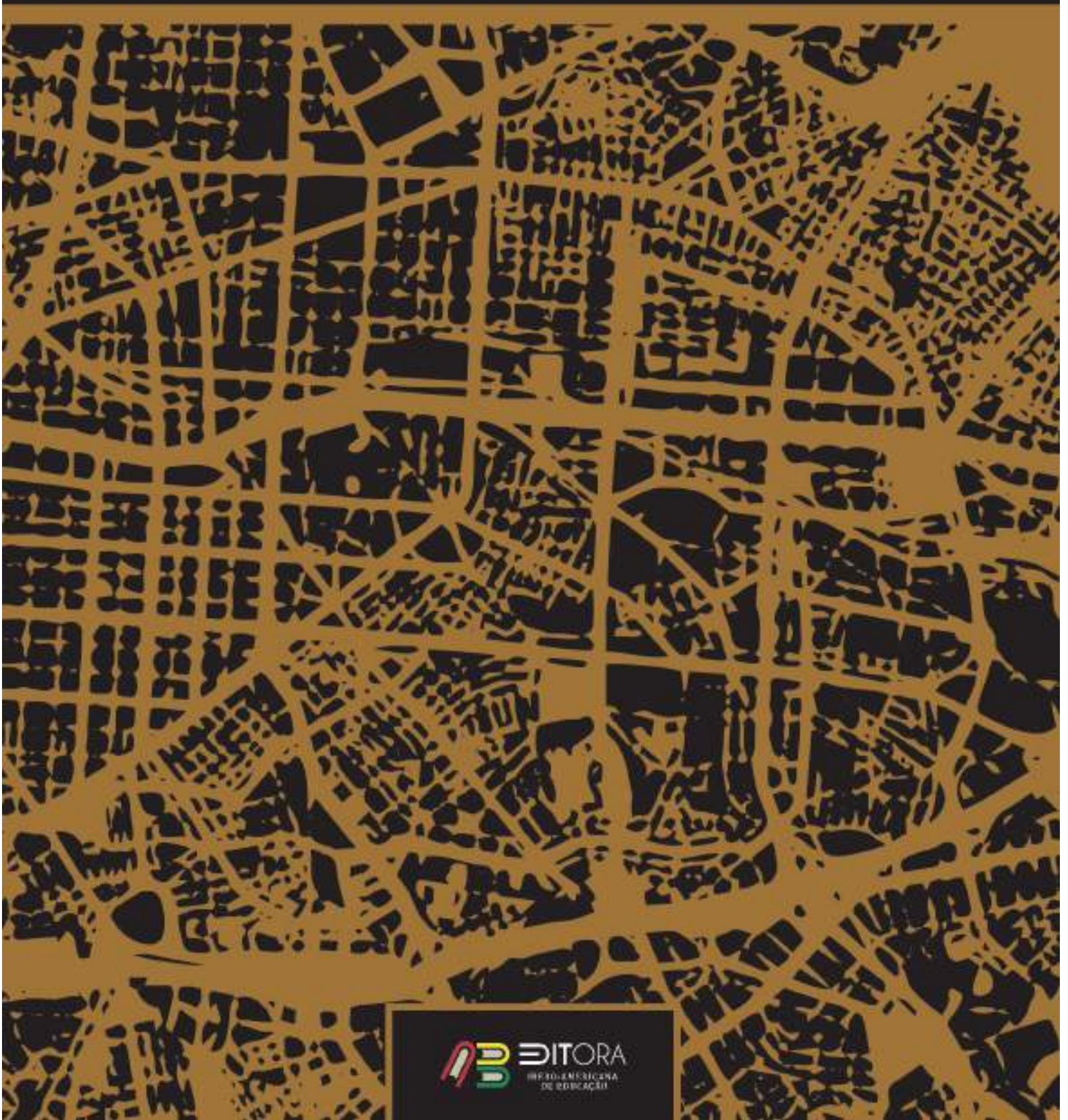
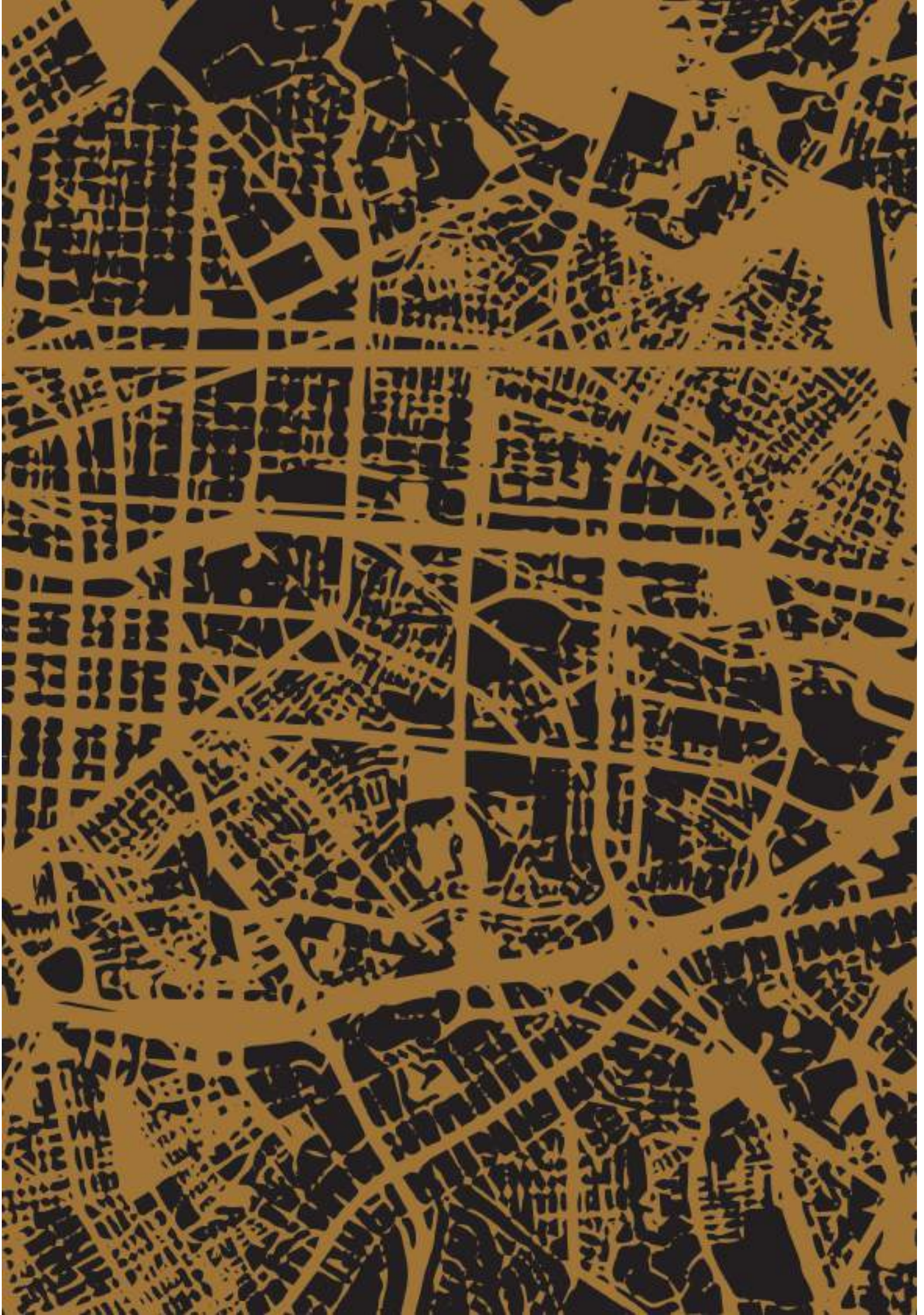
Corpo, políticas e territorialidades

VOL. I. *Subjetividades & Diferença*

Dinamara Garcia Feldens | Juliana Santos Monteiro Vieira | Lucas de Oliveira Carvalho



EDITORA IBERO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO



Corpo, políticas e territorialidades

VOL. I. *Subjetividades & Diferença*

Organizadores

Dinamara Garcia Feldens
Juliana Santos Monteiro Vieira
Lucas de Oliveira Carvalho

Apoio

DINTER
Programa de Doutorado Interinstitucional

UFCG
Universidade Federal de Campina Grande

UFS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpo, políticas e territorialidades [livro eletrônico] : subjetividades e diferença / organização Dinamara Garcia Feldens, Juliana Santos Monteiro Vieira, Lucas de Oliveira Carvalho. -- 1. ed. -- Bauru, SP : Editora Ibero-americana de Educação, 2022. -- (Corpo, políticas e territorialidades ; 1)
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86839-08-1

1. Diversidade cultural 2. Educação 3. Espiritualidade 4. Identidade de gênero 5. Inovação tecnológica 6. Políticas públicas 7. Subjetividade 8. Territorialidade I. Feldens, Dinamara Garcia. II. Vieira, Juliana Santos Monteiro. III. Carvalho, Lucas de Oliveira. IV. Série.

22-134825 CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-86839-08-1

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

DOI: 10.47519/EIAE.978-65-86839-08-1

Territorialidades da docência:
Um olhar para o arquivo do Projeto Objetos de Pensar

Angélica Vier Munhoz
Inauã Weirich Ribeiro
Jeferson Cristian Zick Camargo



Este texto, que conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), está atrelado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq), existente desde 2013 e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Tem como objetivo apresentar uma pesquisa que vem sendo produzida com o material empírico criado pelo Projeto Objetos de Pensar nos anos de 2019 e 2020. O referido projeto foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa CEM, em parceria com o Projeto de Extensão Pensamento Nômade e a Área de Artes da Univates. Teve como objetivo propor a criação de perguntas/questões/indagações/problematizações que não necessariamente precisem de respostas e que coloquem o pensamento a se mover, saindo dos lugares comuns, dos clichês, das coisas já ditas e pensadas no campo educacional.

A partir desse objetivo, foi publicado um livro, *Objetos de pensar: exercícios para a docência* (MUNHOZ *et al.*, 2020), com cinquenta objetos de pensar. Desses objetos, dezesseis foram experimentados em trinta e duas oficinas. Essas oficinas foram desenvolvidas em escolas e Universidades, com estudantes e professores de ensino básico, ensino superior e pós-graduação. Além das oficinas, foi realizada uma exposição com seus resultados e objetos na Galeria Sesc Lajeado, no período de 16 de outubro a 1 de dezembro de 2019. Todas as atividades e materiais produzidos no projeto – objetos de pensar, diários de oficinas, exercícios realizados nas oficinas e exposição – passaram por um processo arquivístico. Destaca-se que, no contexto pandêmico causado pelo vírus SARS-CoV-2, foi lançado um segundo projeto, intitulado Objetos de Pensar na Pandemia. Os 40 objetos inscritos foram publicados no livro "*Objetos de pensar na pandemia: exercícios para indagar/perdurar a docência"* (MUNHOZ *et al*., 2020).

O processo arquivístico realizado com o material do primeiro Projeto Objetos de Pensar será apresentado nas próximas seções. Iniciamos abordando o método de arquivo de Michel Foucault (2020) sob a perspectiva topológica dos enunciados (DELEUZE, 2005). Nessa via, tomamos o arquivo como um território onde os enunciados se movimentam por meio de ações verbais. Seguimos com a apresentação dos procedimentos de arquivamento e arquivização desenvolvidos por Aquino e Val (2018). Posteriormente, expomos o processo de arquivização de imagens de docência, cujo arquivo se desdobrou em um novo processo de arquivização dos verbos que traçam movimentos, produzindo territorialidades em torno de "docência", "docente", "professor(a)" e "prof(a)". Na última seção,

descrevemos os principais movimentos da docência traçados no arquivo criado.

Arquivo-Corpo-Território

Nesta seção, apresentamos o modo como compreendemos o arquivo em Michel Foucault, a partir da obra *A arqueologia do saber* (2020). O arquivo pode ser entendido como "a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares" (FOUCAULT, 2020, p. 158); em outras palavras, o arquivo pode ser um conjunto de materialidades, mas também aquilo que faz funcionar determinados discursos. Os discursos, por sua vez, compõem determinadas territorialidades, as quais demandam um mapeamento das repetições enunciativas, dos traços, das fronteiras, das linhas do arquivo.

Essas territorialidades compostas em um arquivo expressam-se performativamente por mínimos movimentos. Os movimentos das territorialidades exprimem intensidades por meio de gestualidades enunciativas, que acabam por dar margens a um espaço intensivo. Assim, podemos compreender o arquivo como um território onde os enunciados passam a ser tomados como intensidades que ali se movimentam, em uma heterotopologia (FOUCAULT, 2013).

Nessa abordagem arquivística, o arquivo funciona em uma perspectiva topológica dos enunciados; uma "topologia dos enunciados, que se opõe à tipologia das preposições e à dialética das frases" (DELEUZE, 2005, p. 18). Os enunciados, nesse sentido, passam por um processo de localização no território do arquivo. Ao descrevê-los, buscamos desenhar "as margens povoadas de outros enunciados" (FOUCAULT, 2020, p. 118), compreender as intensidades que produzem um território-arquivo.

No território de um arquivo foucaultiano, há um front de análise (FOUCAULT, 2020), em que é preciso haver estratégias de rastreamento dos enunciados. Para tal tarefa, tomamos os procedimentos de arquivamento e arquivização de Aquino e Val (2018). Esses procedimentos permitem que nos apropriemos do material empírico do Projeto Objetos de Pensar como um território e localizemos os enunciados-intensidades que nele se expressam. Enquanto território, o arquivo também é corpo que, permeado por discursividades, se faz lugar (FOUCAULT, 2013).

O procedimento de arquivamento (AQUINO; VAL, 2018) possibilita o rastreamento dos enunciados no território-arquivo, de maneira que "corresponde, portanto, à tarefa de reordenação transversal das fontes, por meio das (re)montagens das lacunas discursivas em torno de determinados problemas concretos abrigados no e pelo arquivo" (AQUINO; VAL, 2018, p. 49). O arquivamento atua como uma espécie de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1992) dos discursos, tomando a posição dos enunciados e criando, assim, um novo mapa.

Esse processo de arquivamento funciona a partir dos problemas demarcados pelos pesquisadores, cujo interesse varia no encontro com o arquivo. No caso do Projeto Objetos de Pensar, o material empírico foi reorganizado, desterritorializado, a partir dos objetos de pensar utilizados nas oficinas. Dessa forma, criamos um arquivo em que foram indicadas as materialidades repetíveis (FOUCAULT, 2020), tais como: os próprios Objetos aplicados, anotações capturadas por foto, fotos das oficinas, fotos do material produzido pelas/os participantes, desenhos, diários de campo produzidos pela equipe do projeto, minicartazes, cartazes, post its, vídeos, cartas e tirinhas com frases utilizadas em dinâmicas.

Esse processo de arquivamento possibilitou desterritorializar os enunciados das materialidades repetíveis, o que culminou em uma reterritorialização de um arquivo de imagens de docência. O arquivamento funcionou como uma desterritorialização dos discursos e possibilitou uma reterritorialização arquivística, visto que uma "desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 131). Com a desterritorialização-arquivamento, pudemos reterritorializar o arquivo a partir de imagens de docência, por um procedimento de arquivização (AQUINO; VAL, 2018).

A arquivização funciona como uma díade de imaginação-montagem (AQUINO; VAL, 2018) e reterritorializa os discursos do arquivo. A "arquivização oportuniza o encontro não somente com os papéis inertes da história, mas com potências ativas, na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzir desvio" (AQUINO; VAL, 2018, p. 50, grifo nosso). Em um primeiro movimento de arquivização, tomamos o desvio das "imagens de docência".

As "imagens de docência" foram utilizadas como um princípio organizador, de modo que compomos um novo arquivo de enunciados, que produziram um novo território arquivístico. "A desterritorialização de um

tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 117). A arquivização-reterritorialização permitiu uma dobra do arquivo, uma nova terra, com a qual produzimos um artigo já submetido em revista científica[53].

Esse novo território tornou possível a criação de mais um processo de arquivização. Em outras palavras, este texto é um terceiro movimento arquivístico, criado a partir do desvio mobilizado pelas potências ativas (AQUINO; VAL, 2018) que se movimentam no arquivo. O arquivo das imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar foi reorganizado com base nos enunciados que continham imagens de docência, docente, professor(a), prof(a).

Quadro 1 - Arquivo das imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar.

Objeto/Oficina	Imagem de docência
1.2 Descrição oficina	Todos os professores muito prestativos durante o vídeo; Uma profa disse: "Para, não fica olhando. Não gosto que me olhem enquanto escrevo", e foi escrever em uma sala ao lado;
1.3 Carta 3	Durante a nossa jornada, aprendemos que o professor auxilia na construção do conhecimento. O professor é um intermediador desse conhecimento.

Fonte - Elaborado pelos autores, 2021.

Como é possível observar no quadro acima, o arquivo ganhou outro território, onde as imagens de docência reordenaram o material empírico. A partir dessa desterritorialização, produzimos uma nova arquivização, que será descrita na próxima seção.

Arquivização no território das imagens de docência

No corpo, experimentamos e arquivamos os acontecimentos – o continuum variável de nossas existências –, traduzidos em ações de com-

53 - O título do artigo submetido foi "Arquivamento e arquivização de imagens poéticas de docência no arquivo do Projeto Objetos de Pensar".

bate contra o pensamento representacional, a autodestruição, as subjetivações instituídas. Porém, ao arquivarmos no corpo os acontecimentos e nossas experimentações, também o tornamos um vetor de exploração dos limites e das possibilidades gestuais. Então, como experimentadores que somos, o que nos interessa é o verbo. Como diz Deleuze (1998, p. 77), "os verbos no infinitivo são devires ilimitados".

Em cada configuração espaço-temporal, o corpo pode arquivar e, simultaneamente, pôr em movimento determinadas ações verbais, que também podem ser gestualidades. Nesse sentido, ao arquivar o corpo se torna, ele mesmo, arquivo de gestualidades. "O corpo, em suma, como arquivo e arquivista de gestos instauradores da existência" (MUNHOZ; AQUINO, 2020, p. 45). Tal como afirma Lepecki (2015, p. 35, tradução nossa): "há uma vontade de arquivar, e arquivar também pode ser experimentar".

A partir da arquivização das imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar, buscou-se suspender os verbos que giram em torno das palavras "docência", "docente", "professor(a)" e "prof(a)". Essas palavras funcionaram como territorialidades no arquivo, as quais se movimentam por meio de verbos. Assim, enquanto territorialidades, não abordamos essas imagens (docência, docente, professor/a, prof/a) como sujeitos, visto que, em uma perspectiva nietzschiana, este tal substrato – "sujeito" – não existe; "não existe 'ser' por trás do fazer, do atuar, do devir; 'o agente' é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo." (NIETZSCHE, 2009, p. 33). Nesse modo de pensar, os nomes, substantivos, sujeitos, são posições (FOUCAULT, 2020), e não "essências" de um ser.

Ao localizarmos as posições no território do arquivo, o que passa a interessar-nos são as intensidades que as territorialidades expressam. Com isso, identificamos os verbos colados às palavras "docência", "docente", "professor(a)" e "prof(a)", e não qualquer verbo expresso nas imagens. Essas quatro palavras são ficções acrescentadas aos diversos verbos que se reterritorializam nas imagens. Os verbos, portanto, falam dos movimentos de docência enquanto territorialidades que se des-re-territorializam em meio ao arquivo de imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar.

Tomando o arquivo como território, perguntamo-nos: de que modos a docência se des-re-territorializa no arquivo de imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar? Procedemos, então, a uma leitura de todas as imagens de docência, a fim de localizar os verbos que faziam a docência, o docente e o(a) professor(a)/prof(a) se movimentarem. Buscamos mapear

esses verbos, utilizando o seguinte critério: excluir imagens cujos enunciados não continham verbos associados com os termos – "docência", "docente", "professor(a)" e "prof(a)". No quadro abaixo, por exemplo, podemos observar que na imagem excluída havia a nomeação do termo "professores", contudo, o verbo da oração não se refere a um movimento da docência. Já na imagem incluída, o termo "professor" não é o sujeito da oração, mas o verbo "solicitado" denota uma ação executada pelo professor.

Quadro 2 - Exemplo de critério de exclusão de imagens.

Imagem excluída	Imagem incluída
Havia empatia entre alunos e professores? (1.3 Carta 1).	Quantos estudantes conseguem ler durante o final de semana? Férias ou menos um livro solicitado pelo professor? (1.3 Carta 13).

Fonte - Elaborado pelos autores, 2021.

Em alguns casos, havia "dobradinhas verbais", ou, gramaticalmente falando, locuções verbais. Nesses casos, tomamos o verbo principal da locução para traçar a linha do movimento realizado pela docência.

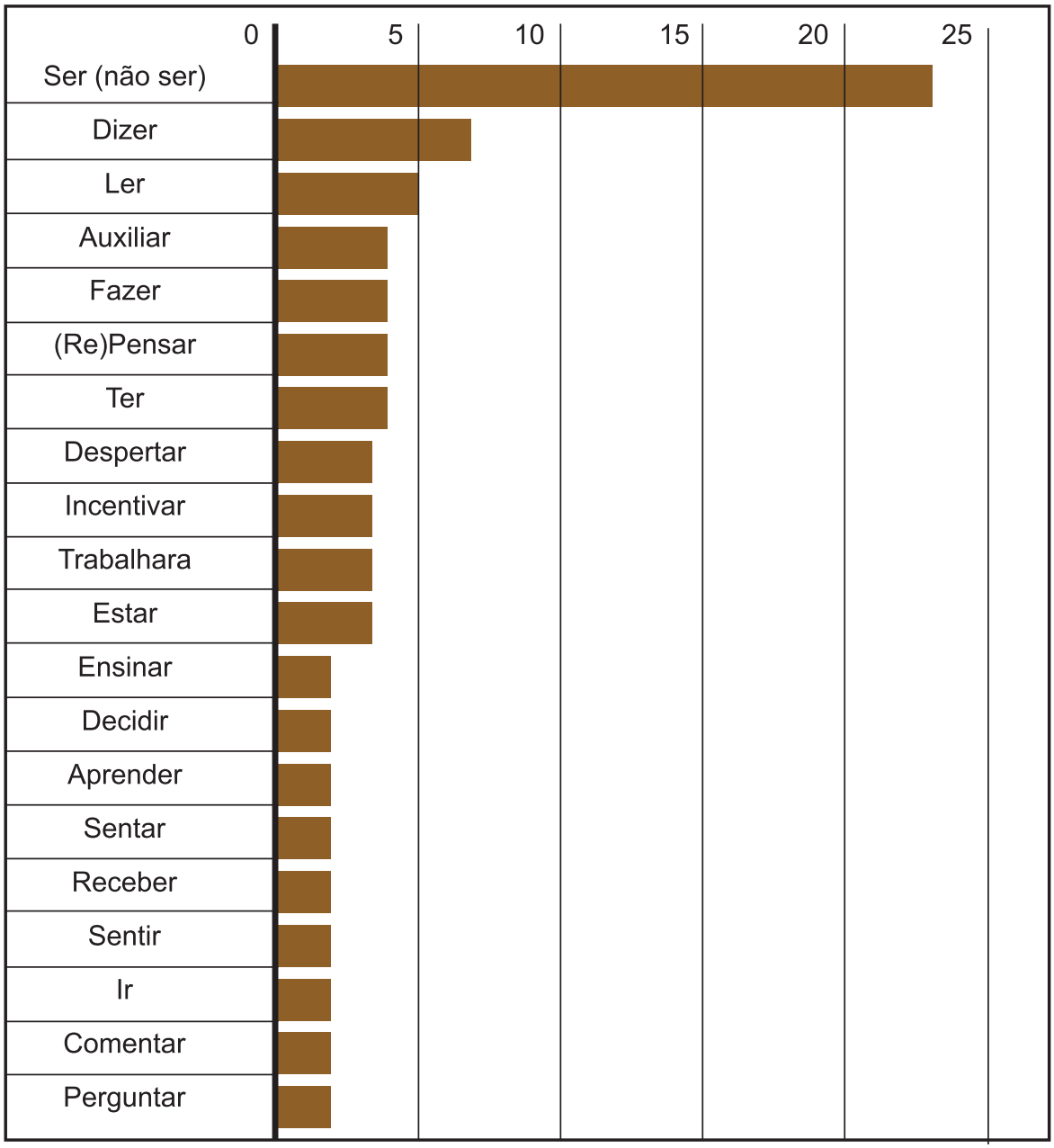
Quadro 3 - Arquivo dos verbos localizados.

Dizer	Preocupar	Esforçar	Despertar	Invcentivar
Decidir	Falar	Escrever	Prestar	Auxiliar
(não) Ser	Mexer	Acreditar	Mudar	Solicitar
Fazer	Interessar	Usar	Resgatar	(Re)Pensar
Mediar	Aprender	Refletir	Oportunizar	Sentar
Perguntar	Saber	Cochichar	Exibir	Apresentar
Enxergar	Absorver	Ter	Chamar	Aderir
Ensinar	Trabalhar	Desistir	Motivar	Seguir
Revolucionar	Promover	Modificar	Sentenciar	Censurar
Entrosar	Participar	Compartilhar	Assinar	Analisar
Buscar	Desacomodar	Conformar	Dirigir	Ler
Estar	Variar	Receber	Virar	Conseguir
Explicar	Pegar	Polinizar	Sentir	Trançar
Sonhar	Marcar	Carregar	Ir	Comentar
Dedicar	Chorar	Demorar	Pedir	**74 verbos**

Fonte - Elaborado pelos autores, 2021.

Conforme o quadro acima, foram identificados 74 verbos diferentes que traçam linhas dos movimentos da docência no território do arquivo do Projeto Objetos de Pensar. Desses verbos, alguns se repetiram muitas vezes, enquanto outros apareceram uma única vez. Os verbos que não se repetiram foram um total de 54: *mediar, enxergar, revolucionar, preocupar, falar, mexer, interessar, saber, absorver, promover, esforçar, escrever, acreditar, usar, refletir, cochichar, desistir, modificar, prestar, mudar, resgatar, oportunizar, exibir, chamar, motivar, sentenciar, solicitar, apresentar, aderir, seguir, censurar, entrosar, buscar, explicar, sonhar, dedicar, participar, desacomodar, variar, pegar, marcar, chorar, compartilhar, conformar, polinizar, carregar, demorar, assinar, dirigir, virar, pedir, analisar, conseguir e trançar*.

Tabela 1 - Verbos que se repetem nas imagens.



Fonte - Elaborado pelos autores, 2021.

Já os verbos que se repetiram foram um total de 20, como podemos observar no gráfico acima. São eles: *ser (não ser), dizer, ler, auxiliar, fazer, (re)pensar, ter, despertar, incentivar, trabalhar, estar, ensinar, decidir, aprender, sentar, receber, sentir, ir, comentar, perguntar.* O verbo *(não) ser* é o que mais se repetiu: 22 vezes. O segundo verbo que mais se repetiu foi *dizer*, que apareceu sete vezes. O verbo *ler* apareceu cinco vezes. Os verbos *auxiliar, fazer, (re)pensar e ter* apareceram quatro vezes. Os verbos *despertar, incentivar, trabalhar e estar* apareceram três vezes. Os verbos *ensinar, decidir, aprender, sentar, receber, sentir, ir, comentar e perguntar* se repetiram apenas duas vezes.

Intensidades de Docência ou des-re-territorialização?

Após identificarmos as intensidades que se expressam no arquivo, perguntamo-nos: se ação e ficção não são duas coisas separadas, não funcionam em uma relação de causa e efeito, de que modo as intensidades de docência são expressas no território do arquivo? Essa pergunta permitiu-nos, em um primeiro movimento, observar uma diferença entre "docência/docente" e "professoras(es)". No arquivo das Imagens de Docência do Projeto Objetos de Pensar, a territorialidade docente que mais é investida é a de "professor(a)". Podemos afirmar isso porque, para 161 repetições do descritor "prof" (prof, professor, professores, profe, professora, psico-profe, profa), há apenas sete repetições do descritor "doc" (docente, docentes e docência).

Antes de continuarmos a pensar sobre as diversas intensidades de "professores(as)", gostaríamos de olhar para a territorialidade da "docência/docente", uma vez que essas territorialidades se repetiram poucas vezes. Observam-se, no quadro abaixo, as sete imagens que mostram movimentos a partir do termo "docente" ou "docência". No quadro, dividimos as imagens que emergiram junto a "docente(s)" e "docência", sendo que, para o primeiro, temos cinco imagens e, para o segundo, apenas duas.

Ao buscar a repetição "doc" no arquivo, a primeira imagem do quadro acima se reagrupou junto da territorialidade "docente"; entretanto, essa imagem foi eleita no arquivo em virtude do termo "psico-profe", que está associado ao verbo "ser". Observa-se que aqui o "docente" está associado a um movimento de "encontro-inspiração", sendo que o sujeito da imagem, "eu", se encontra associado à ficção de "ser uma psico-profe". Sobre

o tema do verbo "ser", haverá uma seção mais adiante na qual se pode observar que o "ser", nesse procedimento arquivístico, toma um caráter de movimento, não de essência, de forma que "psico-profe" é uma territorialidade de docência no corpo-arquivo. A segunda e a terceira imagens do quadro também remetem ao verbo "ser", e há um "jeito de ser" docente, uma possibilidade de "ser" a(o) docente, coisa que discutiremos mais adiante.

Quadro 4 - Territorialidade de docência/docente.

Docente(s)
Do encontro – inspiração docente afinal, você é a 'culpada' de eu ser uma psico-profe hoje. (3.3 Carta 2).
Seu jeitinho quieto foi me cativando, e seu modo de olhar o mundo e, principalmente, encarar os processos de ensino e aprendizagem me mostraram outro jeito de ser docente (3.3 Carta 2).
Na cadeira da sua frente, convide para sentar a pessoa que te inspirou a ser a(o) docente que és hoje. (3.1 Objeto).
Após a leitura individual, os docentes recebem a segunda folha, contendo a primeira sentença, decorrendo dez minutos para a escrita, o segundo relato é entregue, acompanhado de mais olhares desconfiados. (2.2 Descrição oficina).
É essa escuta e cuidado ao (à) outro (a) que carrego comigo – ou tanto – na minha prática docente (3.3 Carta 2).
Docência
O que a docência faz também pode ser arte. (4.1 Objeto).
Como a sua docência trança linhas? (6.1 Objeto).

Fonte - Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021.

A quarta imagem coloca a territorialidade docente em um lugar de recebimento, pois o docente estava em uma posição de participante da oficina. Percebe-se que esta posição de sujeito é dada pelo oficineiro que descreveu a oficina (característica do tipo de materialidade repetível: 2.2 descrição oficina, na qual a imagem emergiu). O docente aqui recebe uma folha em que há uma sentença, tendo ele 10 minutos para escrita. Esse docente, ao receber uma folha, põe-se a escrever depois de ler; é recebedor e escritor e leitor. A quinta imagem, por sua vez, coloca o docente em uma posição da prática, uma prática carregada com um "eu" que escuta e cuida. O docente é uma territorialidade que tem uma prática e que escuta e que cuida.

As duas imagens de “docência” estão associadas aos verbos “fazer” e “trançar”. Interessante notar que a forma “docência” emergiu apenas na materialidade de “objeto”, ou seja, não foi produzida pelos participantes das oficinas do Projeto, mas por autores de dois objetos diferentes. Essa forma emerge junto de imagens com arte. O primeiro enunciado, na forma afirmativa, põe o fazer da docência como arte, enquanto o segundo enunciado, na forma interrogativa, trata a docência como uma intensidade artesanal que “trança linhas”.

A “docência” ou “docente”, enquanto territorialidades, foram expressas como “inspiração”, “jeito de ser”, “ser”, “recebem folhas”, “prática”, “arte” e algo que “trança linhas”. Nas poucas vezes em que emergiram, não houve repetições enunciativas. Entretanto, ao serem colocadas junto dos descritores “prof, professor, professores, profe, professora, psico-profe, profa”, a repetição enunciativa do verbo “ser” reaparece. Na próxima seção, descrevemos os modos pelos quais a intensidade do “(não) ser” emergiu no arquivo de imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar.

“Ser” ou “Não ser”: Eis o (a) professor (a)

No texto “Geofilosofia”, de Deleuze e Guattari (1992), os filósofos apresentam uma similaridade entre Hegel e Heiddeger ao abordarem a origem da filosofia ocidental: a Grécia Antiga. Nessa origem, a diferença grega que permite o emergir de uma filosofia ocidental seria o verbo *ser*.

> Desterritorializado, o grego se reterritorializa sobre sua própria língua e seu tesouro linguístico, o verbo ser. Assim, o Oriente não está antes da filosofia, mas ao lado, porque ele pensa, mas não pensa o Ser. E a filosofia mesma passa menos por graus do sujeito e do objeto, evolui menos do que habita uma estrutura do Ser (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 124)..

O “ser” como verbo em uma estrutura linguística aparece na história ocidental desde a Antiguidade; ao usarmos este verbo, fazemo-nos ocidentais. Não obstante, “não existe absolutamente o ‘ser’ e depois a relação. Existe o ‘ser’, o verbo cujo ato cuja transitividade se formam em relação(ões), e somente dessa maneira” (NANCY, 2017, p. 25). Mesmo que ocidentais, ao distanciarmo-nos de uma imagem de pensamento dog-

mática do ser, este ser deixa de ser "ser em-si". "A copresença e a aparição desviam juntas o em-si e a construção: 'ser' não é mais em-si, mas contiguidade, contato, tensão, torção, cruzamento, agenciamento." (NANCY, 2017, p. 40).

Esse verbo "ser", que não é compreendido aqui como dotado de uma essência, passa a ser entendido como intensidade que se expressa no arquivo, uma intensidade de um corpo-território, um enunciado que se movimenta por meio de discursos. Dos enunciados-intensidades que emergiram no território do arquivo das Imagens de Docência do Projeto Objetos de Pensar, o verbo "ser" e sua forma negativa "não ser" repetiram-se 22 vezes em 20 imagens diferentes. Foi o verbo que mais se repetiu em torno das territorialidades "docente", "docência", "professoras(es)". O segundo verbo que mais se repetiu foi "dizer", aparecendo sete vezes somente.

Essa disposição verbal chamou-nos a atenção, visto que tomar o verbo apenas como uma ação nos faria, gramaticalmente, ignorar o verbo "ser", já que este não é considerado um verbo de ação. Porém, tomado como intensidade que se expressa no território do arquivo, emerge como a força mais expressiva. "Será que justamente nisso não somos – gregos?" (NIETZSCHE, 2016, p. 31). Segue abaixo quadro com as imagens de docência nas quais o verbo "ser" emergiu.

Quadro 5 - As formas do verbo ser que emergiram no arquivo.

O professor é um intermediador desse conhecimento, (1.3 Carta 3).
Assim acredito que o professor não é o dono do saber, (1.3 Carta 6).
No ambiente escolar, deve ocorrer a troca de conhecimentos entre professor e aluno, estes constroem juntos. O professor não é o dono do saber! (1.3 Carta 19)
.
Quem sou eu como professora? (1.3 Carta 53).
A primeira inquietação diz respeito a um fazer pedagógico pautado em uma escuta qualificada e a partir disso pergunto para vocês, é possível uma escola onde o aluno seja o professor? (1.3 Carta 60).
Este pedido, súplica e angústia me despertou para o tipo de professor que tenho sido. (1.3 Carta 60).
Sou professor de Língua Espanhola, do Instituto XXXXXXXXXX, pertencente à Universidade XXXXXXXXXX, localizado no interior do estado do Amazonas. (1.3 Carta 66).

O professor não é o dono do saber (1.4 Tirinha 1).

A partir disso, comecei a me questionar sobre a função de ser professor, e ser mesmo, com letra maiúscula, se meu papel realmente era só ensinar a minha disciplina e não perceber as situações/problemas encarados por ele. Sabe, ser professor é ser pai e mãe também, é abraçar, conversar, interagir sobre os medos do futuro, é ACOLHER, [...] (2.3 Carta 13).

Na cadeira da sua frente, convide para sentar a pessoa que te inspirou a ser a(o) docente que és hoje. (3.1 Objeto).

É aquele que, por anos, de muitas pessoas, se tornou a referência de sabedoria, da descoberta, do questionamento que leva ao movimento. (3.1 Objeto).

(professor) É o condutor de muitas viagens. (3.1 Objeto).

“vou ser tudo, menos professora”, e acaba sendo professora; (3.2.1 Descrição oficina).

prática de hoje - quem estou sendo como professora?; (3.2.1 Descrição oficina).

Por que acreditamos que o professor é um inventor da sua prática. (3.1 Objeto).

Talvez, o meu percurso de hoje, professora que trabalha com direitos e diferenças, só tenha sido assim por aquele encontro potente e de afetos revolucionários que fez e faz pulsar a professora que posso ser, afinal, estamos sempre transformando aquilo que somos (3.3 Carta 1).

Depois não quis mais ser professora, tive outras professoras inspiradoras e outras nem tanto, principalmente aquelas que me diziam que “éramos todos iguais” e que “os direitos e deveres eram iguais”. (3.3 Carta 1).

“serei tudo, menos profe” (3.3 Carta 2).

Seu jeitinho quieto foi me cativando, e seu modo de olhar o mundo e, principalmente, encarar os processos de ensino e aprendizagem me mostraram um outro jeito de ser docente (3.3 Carta 2).

independentemente do curso que eu faria, eu seria profe. (3.3 Carta 2).

Do encontro – inspiração docente, afinal, você é a “culpada” de eu ser uma psico-profe hoje. (3.3 Carta 2).

Fonte - Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021.

Como podemos observar acima, o verbo “ser”, associado às territorialidades indicadas mais acima, emergiu nas materialidades de carta, objeto, tirinha e descrição da oficina. Das 20 imagens que emergiram do arquivo; 14 são da materialidade carta; uma imagem emergiu na materialidade de tirinha; quatro imagens em materialidade objeto de pensar; e duas imagens em descrição de oficina. Essas cartas são materiais empíricos produzidos nas oficinas a partir de dois objetos de pensar diferentes, os objetos

“Os jovens e as funções da escola” e “A artista está presente”.

O verbo “ser” aparece de forma auxiliar, conjugado e negativo. As formas que apareceram nas imagens foram: *é, não é, sou, seja, tenho sido, inspirou a ser, vou ser, acaba sendo, estou sendo, somos, jeito de ser e seria*. As territorialidades em torno das quais o verbo aparece foram: “professor(a)”, “professor(es)”, “profe”, “docente” e “psico-profe”. Em torno da territorialidade “docente”, especificamente, apareceram duas formas, enquanto “ser docente” e “jeito de ser docente”.

Em relação à forma do “(não) é” (re) selecionamos as sete imagens de docência que apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 6 - Na forma do (não) é.

O professor é um intermediador desse conhecimento, (1.3 Carta 3).
Assim, acredito que o professor não é o dono do saber, (1.3 Carta 6).
No ambiente escolar, deve ocorrer a troca de conhecimentos entre professor e aluno, estes constroem juntos. O professor não é o dono do saber! (1.3 Carta 19).
O professor não é o dono do saber (1.4 Tirinha 1).
É aquele que, por anos, de muitas pessoas, se tornou a referência de sabedoria, da descoberta, do questionamento que leva ao movimento. (3.1 Objeto).
(professor) É o condutor de muitas viagens. (3.1 Objeto).
Por que acreditamos que o professor é um inventor da sua prática. (3.1 Objeto).

Fonte - Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021.

(Re)suspendido, (re)arquivizado, (re)territorializado, o “(não) é” permitiu-nos observar os atravessamentos que o verbo compôs nas materialidades de carta, tirinha e objeto. A forma do “não é” emergiu duas vezes, repetida no discurso “o professor não é dono do saber”. De uma territorialidade que “não é dona do saber”, o professor emerge como um “intermediador desse conhecimento”, que “troca” ou “constrói” em conjunto com “aluno”. Tornou-se “referência de sabedoria, da descoberta, do questionamento que leva ao movimento”. O professor “é o condutor de muitas viagens” e “um inventor da sua prática”. A incerteza entre ser e (não) ser professor aparece na forma de pergunta e também na forma de afirmação, como pode ser visto no quadro 7.

A forma pergunta aparece em três imagens, mas incertezas e questionamentos sobre ser professor emergiram em outras seis imagens:

Quadro 7 - A incerteza entre ser e não ser professor.

A incerteza em forma de pergunta
Quem sou eu como professora? (1.3 Carta 53). A primeira inquietação diz respeito a um fazer pedagógico pautado em uma escuta qualificada e a partir disso pergunto para vocês, é possível uma escola onde o aluno seja o professor? (1.3 Carta 60). prática de hoje - quem estou sendo como professora? (3.2.1 Descrição oficina).
A incerteza em forma de afirmação
Este pedido, súplica e angústia me despertou para o tipo de professor que tenho sido. (1.3 Carta 60). A partir disso, comecei a me questionar sobre a função de ser professor, e ser mesmo, com letra maiúscula, se meu papel realmente era só ensinar a minha disciplina e não perceber as situações/problemas encarados por ele. Sabe, ser professor é ser pai e mãe também, é abraçar, conversar, interagir sobre os medos do futuro, é ACOLHER, [...] (2.3 Carta 13). “Vou ser tudo, menos professora” e acaba sendo professora; (3.2.1 Descrição oficina). Talvez, o meu percurso de hoje, professora que trabalha com direitos e diferenças só tenha sido assim, por aquele encontro potente e de afetos revolucionários que fez e faz pulsar a professora que posso ser, afinal estamos sempre transformando aquilo que somos (3.3 Carta 1). Depois não quis mais ser professora, tive outras professoras inspiradoras e outras nem tanto, principalmente aquelas que me diziam que “éramos todos iguais” e que “os direitos e deveres eram iguais”. (3.3 Carta 1). “serei tudo, menos profe” (3.3 Carta 2).

Fonte - Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores, 2021.

O quadro acima foi dividido em duas partes. A primeira parte apresenta as perguntas enquanto interrogações que emergiram no arquivo. Em duas das interrogativas, o verbo implica em uma questão existencialista, nas quais se questiona: “Quem sou eu como professora?” e “quem estou sendo como professora?”. Na segunda interrogação, por sua vez, a pergunta ‘quer’ transformar o aluno em professor: “é possível uma escola onde o aluno seja o professor?”.

A segunda parte, a questão do “ser professor”, exibe outras formas de pôr as incertezas. Nesse sentido, houve um movimento que “despertou para o tipo de professor que tenho sido”, “comecei a me questionar sobre a função de ser professor” ou algo que “faz pulsar a professora que posso ser”. Outra forma que emergiu foi a possibilidade de ser professora, em que posso “ser tudo, menos professora e acaba sendo”, e, “serei tudo, menos

profe". Nessa forma, também houve a decisão de que "depois não quis mais ser professora".

Reterritorialização (Considerações finais)

Este texto partiu de um arquivo de imagens da docência produzido em meio ao material empírico do Projeto Objetos de Pensar. As imagens da docência foram tomadas como territorialidades de um território-arquivo. As territorialidades "docência", "docente", "prof(a/e)" e "professor(as/es)" funcionaram como intensidades que se expressaram por meio de verbos. Foi encontrado um total de 74 intensidades, sendo que, destas, apenas 20 se repetiram. Destas 20, a que mais se expressou foi o "(não) ser". Desse modo, podemos afirmar que, nas imagens de docência do Projeto Objetos de Pensar, o problema do "(não) ser" professor apareceu em evidência. Isso poderia ajudar-nos a pensar que talvez ainda estejamos presos a uma imagem de docência que se sustenta em uma identidade, ou seja, aquilo que cabe no imperativo de ser ou não ser professor.

Referências

AQUINO, J. G.; VAL, G. M. Uma ideia de arquivo: Contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, Bogotá, n. 49, p. 41-53, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/6140/614064415004/html/. Acesso em: 18 abr. 2021

DELEUZE, G. **Diálogos**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. **O Corpo utópico, as heterotopias**. Tradução: Salma Iannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

LEPECKI, A. Le corps comme archive. Volonté de réinterpréter et survivances de la danse. *In*: BÉNICHOU, A. (éd). **Recréer/scripter**: Mémóries et transmissions des ouvres performatives et coréographiques contemporaines. Dijon: Le presses du réel, 2015.

MUNHOZ, A. V. *et al*. (org.). **Objetos de Pensar**: Exercícios para a docência. Lajeado: Editora Univates, 2020. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/316/pdf_316.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

MUNHOZ, A. V.; AQUINO, J. G. Inventariando o corpo na pesquisa educacional: sobre a constituição de um arquivo proliferante. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 1, p. 313-331, jan./abr. 2020. Disponível em: https://docplayer.com.br/189861522-Inventariando-o-corpo-na-pesquisa-educacional-sobre-a-constituicao-de-um-arquivo-proliferante.html. Acesso em: 21 abr. 2021.

NANCY, J. L. **Arquivida**: Do sensciente e do sentido. Tradução: Marcela Vieira e Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

